

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

Children's literature: the importance of teaching practice for reader's training

Tainah dos Santos Carvalho
José Batista de Souza
Suely Cristina Silva Souza
Faculdade do Nordeste da Bahia - FANEB
Coronel João Sá – Bahia - Brasil

Resumo

É indiscutível que a prática docente é um fator importante quando se trata da formação do leitor na primeira etapa da educação básica. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar como a prática docente voltada para a literatura infantil pode influenciar no processo de formação do leitor já na Educação Infantil. Sendo assim, a análise foi feita por meio de um estudo de caso com uma docente atuante nesta etapa educacional e também da observação e análise do trabalho que ela exerce por meio da rede social *Instagram* com a contação de histórias, o que caracteriza a pesquisa *online*. Os resultados obtidos deixam claro que o investimento na formação docente, a relação do professor com a leitura e a presença da literatura infantil e da contação de histórias no planejamento do professor são aspectos que influenciam direta/indiretamente na formação do leitor.

Palavras-chave: Formação do leitor; Literatura infantil; Contação de histórias.

Abstract

It is indisputable that teaching practice is an important factor when it comes to the formation of the reader in the first stage of basic education. Thus, the objective of this work is to analyze how the teaching practice focused on children's literature can influence the process of training the reader in early childhood education. Therefore, the analysis was made through a case study with a teacher working in this educational stage and also through observation and analysis of the work she does through the social network *Instagram* with storytelling, which characterizes the online research. The results obtained make it clear that the investment in teacher training, the teacher's relationship with reading and the presence of children's literature and storytelling in the teacher's planning are aspects that influence directly/indirectly in the training of the reader.

Keywords: Reader's training; Children's literature; Storytelling.

Introdução

Diversos autores têm apontado a importância da literatura infantil para a formação do sujeito (COELHO, 2000; BETTELHEIM, 2002; ZILBERMAN, 2003; ABRAMOVICH, 2009), uma vez que é na infância que a criança começa a desenvolver-se em seus aspectos cognitivos, motores, sociais e emocionais, iniciando sua formação social como sujeito, pois ela surge como uma forma de contato com o mundo imaginário, e também com o mundo real.

Entretanto, engana-se quem acredita que a literatura infantil sempre existiu tal como é hoje. Após uma breve análise na história da infância na sociedade, percebe-se que ela nem sempre teve esse sentido de amor e cuidado que presenciamos nos dias de hoje, pois a criança era considerada um adulto em miniatura (ARIÈS, 1986). Conseqüentemente, não havia nenhum cuidado com a forma como a infância era concebida, muito menos uma literatura destinada exclusivamente aos pequenos.

Diante dessas premissas, nota-se que é essencial trabalhar a literatura desde a Educação Infantil, pois como deixam explícitos alguns documentos legais (RCNEI, 1998; DCNEI, 2010; BNCC, 2017), é imprescindível que o aluno saiba se portar como um sujeito que dialoga, expressa suas emoções, vivências, necessidades e opiniões desde cedo, construindo sua identidade e despertando o gosto pela leitura, algo essencial na vida humana. No entanto, o despertar para a leitura na mais tenra idade não é algo que acontece naturalmente. É preciso que o professor motive os alunos para a leitura. Para isso, ele precisa exercitar uma prática consciente, que oportunize aos alunos apreciarem a literatura e a terem interesse por ela, razão pela qual a importância da prática docente nesse cenário se faz essencial.

Nessa perspectiva, o artigo aborda um estudo de caso sobre o trabalho com a literatura infantil realizado por uma professora da Escola Municipal do Tingui, localizada na zona rural do município de Sítio do Quinto – BA. Trata-se de um trabalho com contação de histórias a partir da rede social *Instagram*, acompanhando o novo cenário de ensino remoto imposto pela pandemia da Covid-19.

Diante desse contexto, questiona-se: De que forma a prática docente atrelada à literatura infantil pode contribuir para a formação do leitor? Sob a ótica dessa problemática,

buscou-se entender como a escola, juntamente com os professores, podem contribuir para desenvolver um trabalho que envolva a literatura infantil, despertando nos educandos dessa etapa educacional a habilidade de se envolver nas práticas de leitura, e mais tarde, tornarem-se leitores aptos e críticos. Com base em tal questionamento, o objetivo central do presente ensaio é analisar como a prática docente voltada para a literatura infantil pode influenciar no processo de formação do aluno leitor na escola já na primeira etapa da educação básica.

Nesse contexto, partimos da hipótese de que, quanto mais cedo a criança for inserida no mundo da leitura, através de uma prática docente consciente, surge uma maior possibilidade de desenvolvimento e gosto pelos livros, podendo constituir-se uma leitora não somente na escola, como também na sua vida cotidiana.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na próxima seção, que sucede a introdução, discutimos sobre a literatura infantil, analisando sua relevância na formação do leitor e a importância da prática docente para a motivação dos alunos, além de darmos destaque ao trabalho com a contação de histórias através da rede social *Instagram*. Na seção posterior, trazemos a metodologia do trabalho, seguida da análise dos dados. Na última seção, apresentamos as considerações finais.

Algumas considerações sobre a Literatura Infantil

Quando se fala sobre Literatura Infantil e suas implicações para a formação do leitor, é inevitável discorrer sobre o desencadeamento do surgimento desse tipo de literatura específica para crianças, o que nos remete à mudança da concepção de infância na sociedade, uma vez que o sentimento de amor e proteção que experienciamos hoje em torno da infância não existia na Idade Média, pois conforme nos relata Ariès (1986, p. 56), “a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na memória”, e as crianças eram, conseqüentemente, tratadas como “homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 1986, p. 51).

A partir do pensamento do autor, percebemos que não havia nenhum cuidado com as formas de entretenimento que eram destinadas às crianças, deixando-as à mercê de tudo o que era concebido aos moldes do mundo adulto, até mesmo a literatura, sem nenhuma espécie de cuidado com esses seres tão frágeis.

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

Um gênero bastante produzido e que permeia os livros infantis são as fábulas, tendo como autores mais conhecidos Esopo (620 a.C.-564 a.C.) e La Fontaine (1621-1695), cujas histórias eram criadas para difundir uma moral na sociedade, daquilo que era certo e errado a partir de uma moral cristã (COELHO, 2000). No entanto, as fábulas não eram produzidas pensando-se no público infantil, mas eram direcionadas para todos, o que incluía as crianças.

Os primeiros livros destinados às crianças surgiram na Idade Moderna, entre os séculos XVII e XVIII, marcados pela ascensão da burguesia e a constituição de um novo modelo familiar, um núcleo preocupado em manter sua privacidade e estimular o afeto entre seus membros (ZILBERMAN, 2003). A partir disso, a infância passou a ser mais valorizada e a criança a ser vista como um ser que necessitava de educação e cuidado, ficando a cargo da família a sua proteção. Conforme Zilberman (2003), a partir da união familiar que foi gerada por um novo sentimento de infância, a literatura infantil surge como um meio de controle do desenvolvimento intelectual da criança, bem como da manipulação das suas emoções.

Por consequência, esse novo gênero voltado para crianças tem seu nascimento fortemente associado à tradição pedagógica, pois era utilizado com o objetivo de instruir, incutindo nas escolas uma moral que a sociedade da época achava adequada para as crianças, o que até os dias de hoje resulta na inferiorização dessa literatura. Por seu caráter utilitário, ela perde o *status* de arte literária, ficando subjugada a ser uma arte “menos importante”, resultando em desprestígio e uma qualidade estética inferior à da literatura para adultos.

[...] é necessário que o valor por excelência a guiar essa seleção se relacione à qualidade estética. Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores; e não é porque estes ainda não alcançaram o *status* de adultos que merecem uma produção literária menor (ZILBERMAN, 2003, p. 26).

O caráter pedagógico permeia as obras infantis há muito tempo e, por ser a escola o local onde geralmente a criança tem mais contato com a literatura infantil, fica difícil esse distanciamento. Em contrapartida, é importante ressaltar que as discussões em torno da natureza da literatura infantil – enquanto arte literária ou pedagógica – há muito estão presentes nos embates teóricos, mas observando as obras destinadas às crianças, percebe-se ora uma aproximação com a natureza artística em si, ora com uma função pedagógica,

mas em sua grande maioria pertencem simultaneamente às duas áreas (COELHO, 2000). Assim, “as leituras literárias, portanto, não se restringem inicialmente como uma ação educativa, mas como instrutiva e tendo como característica essencial despertar na criança o gosto e prazer de vivenciar leituras de seu interesse, como a literatura infantil” (ASSUMPÇÃO; SILVA, 2020, p. 198).

O que se coloca em pauta é que, independentemente da Literatura Infantil ter ou não um caráter pedagógico, é indiscutível a importância da sua função formadora na vida do pequeno leitor na escola, pois é onde muitas crianças têm o primeiro contato com os livros e com tudo o que a literatura pode lhes proporcionar.

A Literatura Infantil teve seus primórdios a partir dos contos populares, que eram passados de geração para geração, tendo como principal centro o continente europeu. Um dos primeiros escritores a dedicar-se a esse tipo de literatura foi o francês Charles Perrault (1628-1703), que ficou conhecido como “o pai da literatura infantil”, inaugurando o que chamamos hoje de “contos de fada”, pois o autor compilava alguns contos populares da tradição oral, como por exemplo, o da *Chapeuzinho Vermelho*, um grande sucesso até os dias de hoje. Outros escritores europeus notáveis foram os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), conhecidos como os Irmãos Grimm, e Hans Christian Andersen (1805-1875), que tiveram forte influência do francês citado anteriormente (COELHO, 2000).

As histórias produzidas pelos referidos autores eram carregadas de preceitos morais e atreladas a um “pedagogismo da literatura infantil” que, segundo Kirchof e Bonin (2016), só seria rompido no início da era vitoriana, com a publicação de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, em 1865, obra que trouxe uma nova estética para o universo infantil.

No Brasil, que sempre teve forte influência europeia, também foram inseridos os contos de fadas, com um caráter utilitário e, ao mesmo tempo, como forma de entretenimento. No entanto, as obras estavam cheias de elementos da cultura europeia que eram transmitidos para as crianças indiretamente, contribuindo para a europeização da cultura brasileira. No final do século XIX e início do século XX, algumas obras literárias que exploravam a imaginação e a função estética da literatura surgiram no Brasil, alcançando grande sucesso até os dias de hoje: Monteiro Lobato (1882-1948), com seus *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *O Pica Pau Amarelo* (1939), inaugurou a

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

literatura infantil propriamente brasileira, que explora os elementos do folclore brasileiro através da ludicidade (ZILBERMAN, 2003).

Portanto, a discussão nos leva a refletir sobre como a Literatura Infantil é contemplada nas escolas nos dias atuais, pois se, hoje, a criança é um ser ativo, de direitos e que constrói seu conhecimento, devemos levar em conta esses aspectos ao inserir os livros na Educação Infantil, pois ao contrário do que se pensa, as crianças gostam tanto de ouvir histórias quanto de falar sobre elas, mas assim como os adultos, elas devem se sentir estimuladas, e o que está sendo lido/ouvido precisa fazer sentido dentro do seu mundo.

O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é um mero receptor de uma mensagem acabada, mas, ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com a sua experiência de leitura e de vida (AGUIAR, 2013, p. 153).

Considerando esse pensamento, entende-se que o trabalho com a literatura deve ser bastante cuidadoso e a sua condução pelo docente deve ser a mais leve possível, de forma a envolver as crianças. Portanto, para que a leitura seja estimulada desde a mais tenra idade, é primordial a participação da escola nesse processo, pois, na maioria das vezes, os professores são o exemplo que as crianças querem seguir. Além disso, a família tem um papel primordial, já que é no seio familiar que as crianças muitas vezes têm o primeiro contato com as histórias infantis, seja através de livros, seja de forma midiaticizada.

Literatura infantil e sua importância na escola

Em um país como o Brasil, onde a população, em sua maioria, não tem acesso à leitura, o livro continua sendo um objeto de difícil acesso às classes populares, como tem sido comprovado através da pesquisa Retratos da Leitura no Brasilⁱ, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro. Em sua 5ª edição, no ano de 2020, essa pesquisa trouxe dados que comprovam que pouco mais da metade da população brasileira, 52%, são leitoresⁱⁱ, número menor do que o da última pesquisa, realizada em 2015, que era de 56%ⁱⁱⁱ. Com a literatura infantil não é diferente, pois a partir de dados da mesma pesquisa, observou-se que a maioria das crianças tem contato com os livros através das bibliotecas escolares ou públicas, que geralmente não têm uma estrutura adequada ou não contam com um acervo variado

que atenda às subjetividades de cada escola, turma ou aluno, visto que o livro precisa dialogar com a realidade da criança.

Nessa perspectiva, o papel da escola para a formação do leitor é indispensável, pois geralmente é o espaço no qual as crianças têm o primeiro contato com os livros, sendo a literatura infantil uma importante aliada do professor da Educação Infantil. Dessa forma, a escola é caracterizada como um espaço privilegiado para que a criança conheça a literatura infantil, sendo que, como afirma Kirchof e Bonin (2016, p.26), “o principal leitor da literatura infantil contemporânea, portanto, não é simplesmente a criança, mas a criança escolarizada”. Em consonância, entendemos a importância do professor desta etapa educacional, pois ele se torna o responsável, juntamente com a família, por introduzir a criança no “mundo da leitura”, e isso precisa ser feito nos primeiros anos escolares, a fim de se desenvolver o senso criativo, crítico, a capacidade leitora e iniciar um hábito que pode se estender por toda a vida.

Nesse viés, um ponto a ser repensado é a forma como a escola concebe a literatura, pois há muito tempo se trata de uma problemática que permeia o cotidiano escolar. Não é novidade que a escola privilegia as obras literárias clássicas, o que não é ruim, mas se torna um problema quando isso acontece em detrimento de outras obras mais contemporâneas e que chamam a atenção do jovem leitor, mas não têm espaço instituído no currículo escolar. A Educação Infantil é uma etapa na qual, apesar da influência escolar, o professor tem mais autonomia em relação às obras que vai levar para a sala de aula. Mas é preciso uma reflexão, pois, para que se obtenha sucesso na escolha dos livros, é preciso partir da realidade dos alunos e, ainda, levar em consideração aquilo que mais lhes agrada.

O livro infantil deve ter a capacidade de ir além de ensinar algo à criança: tocar suas emoções, imaginação, sensibilidade e seu modo de ser e estar no mundo. Para uma completa experiência com o livro, é necessário que a criança não só escute histórias, mas também manuseie o livro, mesmo sem ter a habilidade de decodificar as palavras, pois em sua imaginação, ela tende a recriar as histórias, o que faz com que volte muitas vezes ao livro.

Partindo desse aspecto, Souza (2016) destaca que, para se desenvolver uma percepção de literatura em seu caráter plurissignificativo e simbólico no trabalho com

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

crianças pequenas e que ainda não sabem ler, não se deve renunciar à participação ativa do pequeno leitor durante a manipulação e leitura do livro, havendo a necessidade de:

[...] se respeitar os sentidos da criança, em potencialidade, além da visão, a audição, o paladar, o olfato, o tato, relacionando-os com texturas, materiais mais espessos, resistentes em sua gramatura de folhas do miolo e da capa, presas, por exemplo, não somente por grampos, mas costurados – sem o que se dificulta o manuseio independente dos pequeninhos (SOUZA, 2016, p. 49).

Tal percepção destaca que as crianças aprendem de forma sensorial e com a leitura não é diferente, pois para uma experiência de formação integral, essa parte também precisa ser estimulada além da contação de histórias. Assim, para que o docente desenvolva um bom trabalho com a leitura e literatura na escola e consiga, de fato, atender aos requisitos apontados aqui, é necessário que ele seja um bom leitor, atentando-se para o fato de que estar em contato com os livros desenvolve uma maior sensibilidade e capacidade de influenciar os alunos a adentrarem nesse mundo.

Relevância da formação docente para a motivação do sujeito leitor

Um fator relevante para a educação e, principalmente, para o professor alfabetizador e que busca desenvolver um trabalho voltado para a formação leitora na escola é o fato de que o profissional não pode estar alheio às práticas de leitura. A profissão docente, por si só, exige que o professor seja um bom leitor, pois nos cursos de formação de professores existe um extenso arcabouço de leituras, do qual não se pode fugir, entretanto, eis uma condição que não pode ser deixada de lado quando se está na prática.

Dessa forma, Carleto e Guimarães (2017) afirmam que é um consenso na área educacional que, para formar leitores, o profissional precisa ser, sobretudo, um bom leitor, e ainda “[...] a necessidade de o próprio professor estar capacitado para a tarefa de motivar os alunos para a leitura [...] o professor precisa, ele mesmo, ser leitor e conhecedor de um bom repertório de obras se quiser cativar seus alunos” (KIRCHOF; BONIN, 2016, p.31).

Em contrapartida, quando observamos os cursos de formação de professores, especialmente o curso de Pedagogia, percebemos a ausência da literatura infantil enquanto disciplina, ou, muitas vezes, uma oferta periódica que não abrange a importância que essa literatura tem na formação docente (SOUZA; COSSON, 2018).

A partir disso, entendemos que os processos de formação do professor enquanto leitor literário perpassam a problemática da abordagem da literatura infantil nas faculdades e centros universitários, que, por ser concebida de forma complementar, passa a figurar o cotidiano da sala de aula dos docentes também dessa forma, pois as disciplinas reservadas ao trabalho com a literatura infantil, muitas vezes, não tratam de perspectivas metodológicas específicas para o ensino de literatura (SOUZA; COSSON, 2018).

Assim, compreendemos que a formação leitora do professor é um processo construído ao longo do tempo, e é fundamental que ele priorize o lugar da leitura em sua formação pessoal e na formação dos seus alunos, o que caracteriza a responsabilidade dos cursos de formação inicial e continuada em priorizar um trabalho voltado para as práticas de leitura. Quando nos voltamos para a formação do aluno leitor, é perceptível que, na maioria das vezes, são distribuídos acervos de livros e material para as escolas sem investimento na formação dos professores, o que permitiria que os recursos fossem mais bem utilizados.

Para Souza (2016, p. 47), “[...] distribuir acervos às escolas é necessário, mas não é o suficiente”. Ou seja, é necessário investir na formação continuada de profissionais qualificados para as bibliotecas e disponibilizar outros cursos de formação para que haja, de fato, “um trabalho efetivo com a literatura infantil com vistas à formação da criança leitora” (SOUZA, 2016, p.47).

Portanto, a partir dos pontos discutidos, apreendemos que a figura do professor exerce grande influência na formação do aluno leitor, principalmente na Educação Infantil, não só a partir do exemplo, mas através de um trabalho sério com as práticas de leitura em sala de aula. O professor é capaz tanto de estimular quanto de desestimular a leitura, de modo que é fundamental que o docente reveja sua metodologia de trabalho com vistas a privilegiar e dar um lugar adequado para a literatura infantil em seu planejamento cotidiano.

A importância da contação de histórias para a literatura infantil

Contar histórias é uma prática antiga enraizada em nossa cultura. É através dessa prática de relato oral que foram passadas de geração para geração lendas, culturas, receitas medicinais, costumes, crenças e as histórias, caracterizadas como contos. Os relatos orais dos contos de fadas predominaram por muito tempo na sociedade, e mesmo depois de

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

terem sido compilados por autores como os já citados no presente estudo, o protagonismo das narrativas orais dos contos de fadas ainda exerce forte influência nos dias de hoje.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2002. p. 11).

Enquanto ferramenta pedagógica, a contação de histórias tem tido um papel consolidado no trabalho com a literatura infantil, especialmente na Educação Infantil, etapa em que os pequenos ainda estão na fase de alfabetização e há maior necessidade da mediação dos professores para que o contato com as histórias infantis aconteça.

Nesse contexto, Souza (2016, p.50) destaca, em sua pesquisa, que “o ato de contar histórias permite a modulação da voz, que se enriquece, ao vir acompanhado de gestos, de expressões faciais e emoções”. Ainda de acordo com a autora, tal prática está voltada para a possibilidade da formação do comportamento inicial de leitura, sendo inicialmente explorada pelos pais, na maioria das vezes, e depois pelos professores (SOUZA, 2016).

Atualmente, a contação de histórias tem um papel fundamental na sociedade, sendo utilizada como forma de expressão artística da literatura infantil, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, pois é perceptível como as histórias contadas como uma releitura das obras originais estão em muitos espaços, principalmente nos virtuais.

Colomer (2017) enfatiza que a narração oral de contos e histórias infantis tem a vantagem de estabelecer uma comunicação mais pessoal, abrindo o leque de possibilidades de reação e interação dos pequenos ouvintes, e que essa prática deve fazer parte das habilidades profissionais próprias dos docentes de qualquer etapa educativa.

A contação de histórias também se mostra eficaz para aproximar as crianças da leitura e manter o vínculo com ela, além de estimular a criatividade e a imaginação. Um exemplo são os profissionais que passaram a utilizar com mais frequência as redes sociais, como *Instagram*, *Youtube* e *Whatsapp*, para suas produções de contação de histórias, que antes eram praticadas em sala de aula. Trata-se de algo que ultrapassa o ato de entretenimento infantil, e que busca uma aproximação afetiva em tempos de distanciamento social, além de se caracterizar como uma nova forma metodológica, que possibilita o armazenamento e um maior alcance de pessoas.

Além disso, quando veiculada e armazenada em redes sociais digitais, ela se caracteriza como um importante recurso de comunicação e de memória coletiva sobre um determinado momento: uma forma de registro do que vivemos, como expressamos e elaboramos estratégias de enfrentamento às adversidades de uma época (MENEZES *et al.*, 2020, p. 5).

A partir disso, fica evidente o papel que a contação de histórias exerce na escola e na formação do aluno leitor, como também em ambientes não escolares, comprovando que a literatura infantil está além dos muros da escola, permeando o cotidiano da criança, uma vez que “é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor [...] e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve [...]” (ABRAMOVICH, 2009, p.14). Isso reforça ainda mais a necessidade de uma formação docente voltada para o estímulo ao trabalho com a literatura, sendo a contação de histórias uma excelente ferramenta metodológica, que merece destaque na formação continuada de professores, de modo que é uma habilidade docente que deve ser desenvolvida e praticada.

Percurso metodológico: entre o estudo de caso e pesquisa online

O universo da pesquisa foi a Escola Municipal do Tingui - Sítio do Quinto – BA, na qual atua a professora X^{iv}, que foi convidada e aceitou, inclusive, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, o canal do *Instagram* dela também foi objeto de análise.

Com relação à abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa, por ter, segundo Ludke e André (1986, p. 11), “o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] Supõe o contato [...] do pesquisador com [...] a situação [...] investigada”. A respeito dos objetivos, optamos pela pesquisa exploratória, uma vez que, segundo Gil (2008), proporciona ao pesquisador maior familiaridade com o problema em estudo.

Quanto aos procedimentos técnicos, adotamos a pesquisa bibliográfica (livros, artigos, documentos legais e sites da internet). Com relação à coleta de dados, fizemos uso da entrevista, pois conforme Ludke e André (1986, pág. 33), nesse instrumento, “a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor pergunta e quem responde”. Também fizemos uso da pesquisa *online* (investigação na rede social *Instagram*), adequando-nos ao momento atual.

Acerca do método de pesquisa, adotamos o estudo de caso, de paradigma qualitativo e cunho analítico-interpretativo, segundo Yin (2010). Focamos na entrevista com uma pedagoga, com ênfase na interpretação dos sentidos dados por ela à contação de histórias e sua importância para a formação do leitor na primeira etapa da educação básica. Para a análise dos dados, contamos com a análise de conteúdo de Bardin (1977).

A partir da entrevista com a informante da pesquisa, foram geradas as seguintes categorias, analisadas de forma pormenorizada na sequência: (i) formação e tempo de serviço; (ii) dificuldades/facilidades de se trabalhar com crianças; (iii) presença (ou não) da literatura infantil na formação inicial e continuada; (iv) incentivo da escola para o trabalho com a literatura infantil; (v) importância do professor leitor; (vi) aspectos importantes na escolha do livro infantil; (vii) elementos essenciais para uma boa contação de histórias; (viii) uso de tecnologias digitais antes da pandemia; (ix) dificuldades/facilidades no uso de tecnologias digitais; (x) motivação para a produção de vídeos para o *Instagram*.

Análise dos dados

Ao analisarmos cuidadosamente os dados fornecidos pela informante da pesquisa, à luz de teóricos renomados na área, apresentamos os seguintes resultados:

Com relação à categoria **Formação e tempo de serviço**, a informante revelou que é pedagoga e atua há 19 anos na área da educação. Nesse período, fez três especializações, (uma delas em Educação Infantil), além de cursos de formação continuada. Esses dados são relevantes para a pesquisa porque a formação continuada é um fator importante para a realização de um bom trabalho em sala de aula, inclusive é defendido pela LDB/1996, em seu artigo 62: “garantir-se-á formação continuada para os profissionais [...] no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação (BRASIL, 2017, p. 43)”.

A respeito das **Dificuldades/Facilidades de se trabalhar com crianças**, a professora relata que o trabalho em sala de aula é tranquilo, pois é prazeroso acompanhar o desenvolvimento dos pequenos durante o tempo que passa com eles, no entanto, sente falta da presença e maior interação dos responsáveis. As maiores dificuldades que a

professora enfrenta são comuns a todos os segmentos da educação brasileira, pois ela relata sobre a falta de recursos, valorização docente, salários baixos e sem reajuste. Nesse contexto, de acordo com Oliveira (2013), parece ser um consenso que a profissão docente sofre uma desvalorização há décadas e que as condições de trabalho são inadequadas, a depender de rede e etapa de ensino em que o professor atue.

Sobre a **Presença (ou não) da literatura infantil na formação inicial e continuada**, a entrevistada relembra que, durante sua graduação em Pedagogia, na disciplina em que tratava de Literatura Infantil e Juvenil, a professora que a ministrava tinha um projeto de leitura itinerária, que levava a contação de histórias para diversas escolas diferentes, o que despertou ainda mais o seu encantamento pela contação de histórias. A professora relata que havia a questão de relacionar a teoria com a prática, o que corrobora o pensamento de Saldanha e Amarilha (2016, p. 387), quando afirmam que o professor terá a atribuição de trabalhar a literatura em sala de aula e, dessa forma, “[...] aproximar o texto do leitor e do livro. Para isso, precisa de um repertório de leitura de literatura e uma formação teórico-metodológica que lhe dê suporte para desenvolver esse trabalho”.

Acerca da categoria **Incentivo da escola para o trabalho com a literatura infantil**, de acordo com a docente entrevistada, ocorre através dos projetos de leitura desenvolvidos, mas que ela ainda acha insuficiente, no sentido de que os próprios professores, de modo geral, fazem parte dessa cultura de “não leitores”, o que acaba, de diferentes formas, prejudicando a formação dos alunos e seu engajamento com a leitura.

Acerca da **Importância do professor leitor**, foi destacado que, para formar leitores, é necessário que o professor seja também um leitor, confirmando a perspectiva de Saldanha e Amarilha (2016, p.388), quando afirmam que “a leitura é intrínseca à vida pessoal e profissional do professor, é ferramenta principal de seu trabalho e oportuniza uma formação contínua em uma perspectiva transformadora do ensino [...]”. Afinal, para formar leitores autônomos, é necessário ir muito além das propostas “lineares e mecanicistas” definidas pelos conteúdos curriculares, priorizando-se o estímulo da curiosidade da criança (CARLETO; GUIMARÃES, 2017, p. 264).

Com relação à categoria **Aspectos importantes na escolha do livro infantil**, a professora relata que é necessário analisar o todo, desde conhecer a história do livro, a faixa etária, o que pode chamar a atenção dos seus alunos e a temática, pois não adianta levar

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

uma história fora da realidade dos alunos. Essa é uma perspectiva importante, pois, segundo Brasil e Gelais (2017), o livro é um instrumento que permite a interação social dos alunos com a sua realidade, o que favorece a formação de leitores críticos se isso for estimulado desde cedo.

Quando questionada sobre a categoria **Elementos essenciais para uma boa contação de histórias**, a informante salientou que é importante conhecer a história que se quer contar, pois isso faz toda a diferença para uma boa contação. Sobre os recursos, a professora destacou que não são elementos essenciais, e para ela, é mais importante conhecer a história e se envolver na contação através de gestos, mudança de voz e movimentos faciais. Além desses aspectos fundamentais, destacamos os relatados por Brasil e Gelais (2017), como a adaptação do vocabulário, despertar a atenção das crianças para os aspectos estéticos, além de proporcionar um ambiente apto à leitura e abrir espaço para interrogações e discussões, para que a criança se sinta estimulada a falar sobre a história contada.

Com relação à categoria **Uso de tecnologias digitais antes da pandemia**, a informante relatou que os vídeos de contação de história produzidos por ela tinham uma frequência menor, mas, quando surgiu a necessidade de produzir material didático para as aulas, ela passou a divulgar mais e, conseqüentemente, o uso das tecnologias digitais se tornou imprescindível, algo relevante neste cenário. Como destacam Menezes et al. (2020, p. 11), “as novas estratégias possibilitadas pelo espaço virtual surgem como um meio de aproximação entre as pessoas e as diversas culturas que se apropriam da oralidade, um modo de ver e entender o mundo sem abrir mão da tão fecunda e antiga forma de contar histórias”.

Sobre a categoria **Dificuldades/facilidades no uso de tecnologias digitais**, a professora destacou dificuldades e precisou da ajuda de outras pessoas, mas depois que passou a explorar o mundo dos aplicativos, segundo ela, facilitou o processo de produção até mesmo do cenário dos vídeos, pois tudo fica no virtual, sobrando mais tempo para outras atividades.

Quanto à categoria **Motivação para a produção de vídeos para o Instagram**, a docente respondeu que a sua maior motivação é gostar do que faz e também o retorno que recebe não só dos seus alunos na escola, mas também do público externo de outras cidades e estados que assistem e entram em contato com ela. Com base nesse fato, pode-se

perceber a abrangência que as mídias sociais têm e o potencial para o trabalho com a formação do leitor quando utilizadas para a contação de histórias.

Além das 13 categorias analisadas a partir da entrevista, foi feita também uma análise do seu canal do *Instagram*, cujo propósito foi observar como se dá a contação de histórias nessa rede e a sua desenvoltura com o público infantil. Uma das motivações da pesquisa foi o trabalho desenvolvido pela professora através dessa rede social, que segundo Oliveira et al. (2018), é a segunda maior em número de usuários, o que lhe confere um *status* de abrangência muito grande, uma vez que as pessoas estão praticamente todos os dias conectadas e podem ter acesso à informação em instantes. Diante disso, buscamos, através da observação do perfil da professora em questão, analisar dois vídeos de contação de história que ela publicou no ano de 2020, especialmente no período entre julho e novembro.

Figura 1: Contação de história *A mala que a vovó levou para o céu*



Fonte: *Instagram* da entrevistada (Print Screen)

Neste vídeo, a professora conta a história *A mala que a vovó levou para o céu*^v, em homenagem ao dia dos avós. A escolha da história demonstra muita sensibilidade da docente, ao contar de um jeito tão amoroso sobre um assunto que é tabu nas histórias

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

infantis - o luto e a morte -, pois muitos alunos já não têm mais seus avôs ao lado e, através da história, podem lembrar deles com carinho e afeto. A esse respeito, Bettelheim (2002) relata que algumas histórias não tratam desses assuntos, fugindo dos dilemas do curso da vida que perpassa também o cotidiano infantil. O que também chama a atenção é o cenário produzido, contendo elementos característicos da história e os objetos que a “vovó coloca em sua mala”. Além disso, o tom da voz e a criatividade em trazer uma música de começo e fim da contação são atrativos a mais que proporcionam prazer em ouvi-la.

Figura 2: Contação *A branca de neve e os sete anões*



Fonte: *Instagram da entrevistada (Print Screen), 2020*

No segundo vídeo escolhido para a análise, a professora conta a clássica história da *Branca de neve e os sete anões*^{vi}, durante a qual há a participação das suas filhas, que encenam Branca de Neve e a Rainha má. Percebemos, inicialmente, a presença dos contos de fadas, que segundo Bettelheim (2002) trazem dilemas sociais de forma leve, representando a dualidade entre o bem e o mal, o que contribui para a formação inicial do caráter da criança. Um fator interessante do vídeo é observar o aprimoramento das técnicas de edição, pois o cenário da história, que inclui florestas e castelos, foi produzido de forma

virtual, ficando como plano de fundo do vídeo, em uma animação muito bem produzida. Além disso, a contadora demonstra domínio das histórias e da modulação da voz, o que, conforme Souza (2016), é preciso ser levado em consideração quando se conta histórias, pois vai enriquecer o momento, ao passo que vem acompanhado de gestos, expressões faciais e emoções, além dos efeitos sonoros desejados para dar realidade para sua contação.

Diante da observação e análise dos vídeos, podemos afirmar que o trabalho com a contação de histórias está além dos ambientes escolares e se propaga nas redes sociais como ferramentas que podem favorecer a formação dos pequenos leitores. Como nos mostra Porto (2018), através da sua pesquisa, o *Instagram* é caracterizado como um ambiente pedagógico capaz de promover transformação de experiências curriculares e de incentivo à leitura e material pedagógico, pois muitos pais também procuram conteúdo de qualidade na internet para oferecer aos filhos, já que, diante da sociedade tecnológica, é difícil uma criança estar alheia ao ambiente em que está inserida e à geração da qual faz parte.

Considerações finais

Ao iniciarmos esta pesquisa, constatamos que, embora existam muitos trabalhos referentes à temática, ainda há a necessidade de aprofundamento do tema devido à sua importância e complexidade para a sociedade. Ao tratar da relevância da prática docente voltada para a formação do leitor pelo viés da literatura infantil e da contação de histórias, nos preocupamos em demonstrar o quanto é imprescindível que os sujeitos desenvolvam esse hábito desde cedo e como a prática docente pode influenciar nisso.

Como pôde ser constatado no decorrer do trabalho, o objetivo da pesquisa foi alcançado, pois ao entrevistar uma pedagoga atuante na Educação Infantil e que exerce uma prática voltada para contação de histórias, foi possível identificar pontos que devem ser desenvolvidos pelos docentes para que a formação do leitor aconteça de forma efetiva na escola. São eles: formação continuada adequada; incentivo das instituições escolares na promoção de projetos de leitura; importância do professor ser leitor assíduo; espaço reservado para a literatura infantil no planejamento escolar; prática de leitura e contação de histórias na Educação Infantil etc.

Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor

Além disso, foi possível entender que a literatura infantil esteve, desde a sua gênese, associada a uma função pedagógica, o que ainda interfere na forma como a escola promove o trabalho com essa literatura, o que, conseqüentemente, também vai interferir na formação do leitor.

Por meio da discussão teórica sustentada por diversos autores e pela entrevista realizada, revelou-se que a criança geralmente tem o primeiro contato com a literatura infantil na escola e a forma como a escola concebe a literatura, utilizando-a como pretexto para outras atividades, é um fator que pode inviabilizar o processo de formação do leitor, haja vista que não se leva em conta os desejos manifestados pelas próprias crianças. Além disso, alguns aspectos negligenciados durante a formação docente, como a figura do professor “não leitor”, a pouca oferta ou o trabalho insuficiente com a literatura infantil nas universidades e faculdades, além da falta de uma formação continuada adequada, também são fatores que se mostraram como inibidores de uma prática docente mais assertiva nesse sentido.

Destaca-se, principalmente, a contação de histórias tanto na escola como na rede social e, através do retorno recebido, a docente constatou que esse trabalho contribui para a viabilização da formação do leitor. Além disso, na análise dos vídeos disponibilizados, a professora mostrou a efetividade do seu trabalho, tendo sido possível observar, na prática, a metodologia utilizada por ela em sala de aula, seja virtual ou física.

Portanto, com base neste estudo de caso e na pesquisa *online*, por meio da análise dos vídeos produzidos pela professora informante da pesquisa, podemos confirmar a hipótese inicial de que, quanto mais cedo a criança for inserida no mundo da leitura, surge uma maior possibilidade de desenvolvimento e gosto pelos livros, o que também responde à pergunta de pesquisa, à medida que, no decorrer do trabalho e do exemplo da entrevistada, entendemos como o professor pode contribuir para a formação do leitor, desde a mais tenra idade, através da literatura infantil e da contação de histórias.

Entretanto, é importante evidenciar que esta pesquisa se limitou à entrevista com uma docente, pois diante do contexto pandêmico, tornou-se inviável a observação dos alunos. Entretanto, seria recomendada um novo estudo, considerando a resposta dos alunos aos estímulos gerados pela professora, o que nos traria resultados ainda melhores.

Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.
- AGUIAR, V.T. de. O saldo da leitura. In: DALVI, M.A.; REZENDE, N.L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 153-161.
- ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ASSUMPÇÃO, D. J. F.; SILVA, K. R. de S. da. Texto literário e educação infantil: uma proposta de formação de novos leitores. **Revista Cocar**, v.14, n. 29, p.193-207, maio/ago. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v. 1. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL, L. P. L.; GELAIS, C. As contribuições dos livros infantis nos primeiros anos de vida da criança na escola. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 2, 1.ed., v. 1, p. 418-432, abr. 2017.
- CARLETO, E. A.; GUIMARÃES, S. Literatura infantil na sala de aula: experiências com obras literárias de Ruth Rocha. **Ensino em Re-vista**, Uberlândia, v.24, n. 1, p. 244-266, jan./jun. 2017.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global editora, 2017.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KIRCHOF, E. R. R.; BONIN, I.T. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. **Pró-Posições** (UNICAMP. Online), v. 27, p. 21-46, 2016.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MENEZES, J. de A. *et al.* A contação de histórias no *Instagram* como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v.32, p. 1-20, 2020.

OLIVEIRA, D. A. As políticas de formação e a crise da profissionalização docente: por onde passa a valorização? **Revista Educação em Questão**, v. 46, n. 32, p. 51-74, 15 ago. 2013.

OLIVEIRA, V. de. et al. A utilização do Instagram por atletas olímpicos brasileiros: perfil traçado por uma análise de imagens. **Revista Animus**, v. 17, n. 33, p. 194-211, 2018.

PORTO, B. R. C. **Uso do Instagram na produção de conteúdos pedagógicos, informação e leitura**. 2018. 24 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguagens e Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2018.

SALDANHA, D. M. L. L.; AMARILHA, M. Literatura e formação do pedagogo: caminhos que (ainda) não se cruzam. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 376-396, jul./dez. 2016.

SOUZA, R. J. de. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n.17, p. 43-59, 2016.

SOUZA, R. J. de; COSSON, R. O cantinho da leitura como prática de letramento literário. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 95-109, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Tradução de Ana Thorell. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Notas

ⁱ Disponível em <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>. Acesso em 20 Ago. 2020.

ⁱⁱ Nessa pesquisa, é considerado leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelos menos 1 livro nos últimos três meses.

ⁱⁱⁱ Nessa pesquisa, é considerado leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelos menos 1 livro nos últimos três meses.

^{iv} Nomeamos a informante da pesquisa de professora X para preservarmos a sua identidade.

^v Vídeo disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDCmWf6ARww/>

^{vi} Vídeo disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGAnkifAdLq/>

Sobre os autores

Tainah dos Santos Carvalho

Graduada em Pedagogia pela Faculdade do Nordeste da Bahia, graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Paideia – Faneb. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2516-0380> E-mail: santostainah70@gmail.com

José Batista de Souza

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Professor das Redes Municipal e Estadual da Bahia e da Faculdade do Nordeste da Bahia. Membro dos Grupos de Estudos e Pesquisas Educon – UFS, FOPTIC – UFS e Paideia – FANEB.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9722-8818> E-mail: batistinhadesouza@gmail.com

Suely Cristina Silva Souza

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do Centro Universitário UNINASSAU/Aracaju e da Faculdade do Nordeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem (DEHEA/UFS/CNPq), do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e do Paideia – FANEB.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1198-698X> E-mail: suelycss35@yahoo.com.br

Recebido em: 05/03/2021

Aceito para publicação em: 28/03/2021